

52.

MOSTEIRO DO SALVADOR DE FREIXO DE BAIXO



Rua do Mosteiro
Freixo de Baixo
Amarante



41° 17' 57,01" N
8° 7' 20,18" O



918 116 488



Qua. 19h
Dom. 9h30



Divino Salvador
6 agosto



Monumento Nacional
1935



P. 25



P. 25



x

Em Amarante, implantado num vale, onde se dividiam os concelhos de Santa Cruz de Ribatâmega e de Basto e por onde, ainda no século XVIII, circulava uma grande parte do trânsito entre o Minho e Trás-os-Montes, situa-se o Mosteiro do Salvador de Freixo de Baixo.

A fundação deste Mosteiro, muito ligada aos habituais patrocínios familiares da nobreza regional, coloca-se em data anterior a 1120. À sua cronologia inicial estiveram ligados os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Embora profundamente alterado durante a Época Moderna e alvo de uma significativa intervenção de restauro centrada em torno da década de 1940, o conjunto monástico remanescente em Freixo de Baixo é, ainda hoje, extremamente significativo no quadro do românico do vale do Tâmega. A persistência dos alicerces da primitiva galilé e de vestígios do primitivo claustro, juntamente com uma possante torre sineira, dão a este conjunto uma monumentalidade e uma legibilidade pouco comuns no panorama da arquitetura românica portuguesa.

A Igreja destaca-se pela diferenciação de volumes dos seus corpos, mas da época românica pouco mais resta do que a fachada principal e os alicerces do lado sul da

galilé fronteira que define um átrio quadrangular. Na Época Moderna foi-lhe modificada a nave e refeita a capela-mor. A fachada é o elemento da primitiva Igreja românica que melhor se conservou. Reforçada por dois cunhais, é animada por um robusto portal composto por três arquivoltas, timidamente quebradas e decoradas com toros diédricos no seu chanfro, motivo de origem portuense que encontrou um bom acolhimento por parte dos fazedores do românico nos vales do Sousa e do Tâmega. Além disso, este portal destaca-se pela variedade dos seus motivos decorativos: círculos encaixados no arco envolvente e em parte das impostas, motivos florais e a hera estilizada nestas últimas. Os capitéis foram finamente esculpidos, ostentando animais afrontados que emergem do relevo, motivos fitomórficos e vegetalistas presos ao cesto, assim como encanastrados que

lembrem as Igrejas dos Mosteiros de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66) e de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90).

No lado direito da fachada ergue-se uma possante torre sineira. Maciça, com proporções imponentes, é animada na parte superior por um par de arcos de volta perfeita onde se abrigam os sinos. Junto ao portal da torre que abre para a área do primitivo claustro vemos dois silhares esculpidos que nos indicam um reaproveitamento: com um desenvolvimento horizontal, um silhar que termina na parte inferior com um denticulado e, sobre este, uma mísula (?) reaproveitada, ornada com um motivo floral estilizado. É para este mesmo espaço, na Igreja, à direita do portal que vemos gravada a inscrição funerária do prior D. Afonso, datada de 1379 (Era 1417). Em inícios do século XVIII ainda era possível observar o primitivo claustro.



O CLAUSTRO

Segundo nos informa Francisco Craesbeeck, o claustro tinha "da banda do sul, cem palmos em quadra e quatorze em largo, no passeio; e da banda do nascente, cinco arcos muito antigos; e do sul casas de residência; e junto à igreja, huma torre de 50 palmos de alto e 24 em quadra; e ao pé, hum arco com huma sepultura dentro d'elle".

Interiormente, estamos diante de um edifício onde impera a sobriedade. Nos paramentos, lisos e despojados, sobressai o granito em toda a sua pujança. A linguagem classicizante do arco triunfal denuncia, desde logo, a intervenção que na Época Moderna renovou a capela-mor e parte da nave.

Digna de destaque é a pintura a fresco que, embora hoje destacada e colocada sobre suporte móvel, se pode apreciar na parede norte da nave. Trata-se de uma cena da *Epifania do Senhor* (Mt 2, 1-12), atribuída à oficina liderada pelo *Mestre de 1510*, também responsável por pinturas em São Mamede de Vila Verde (Felgueiras) (p. 49)

e em São Nicolau de Canaveses (Marco de Canaveses) (p. 179).

Embora, ao longo do século XVIII, tenha havido uma série de intervenções efetuadas na Igreja com vista à sua conservação e atualização estética, delas apenas resta hoje parte do retábulo-mor, em talha do estilo barroco nacional, com que se casaram um trono, predela e frontal de altar mais recentes. O caráter despojado do interior desta Igreja deriva dos preceitos puristas da intervenção de restauro aqui realizada entre 1941 e 1958 e que procurou devolver a Freixo de Baixo aquilo que se considerava ser o seu "estilo primitivo".



A EPIFANIA

Numa composição de formato retangular, vemos na pintura da *Epifania*, à esquerda do observador, a Virgem sentada com o Menino ao colo, atrás da qual se encontra São José seguido por uma vaca e um burro. Do lado oposto, Melchior, o rei Mago mais idoso, está ajoelhado em adoração ao Menino, enquanto os seus dois companheiros, Gaspar e Baltasar, se encontram em pé, aguardando a sua vez de prestar homenagem ao Rei dos Reis. Como se pode apreciar, os Magos estão representados de acordo com a diferenciação etária (as três idades da vida: juventude, idade madura e velhice) e os três continentes conhecidos na Idade Média (Europa, Ásia e África). Sobre esta cena desenha-se uma abóbada celeste onde se destaca a presença da estrela que guiou os Magos até Belém, podendo-se adivinhar uma figuração do arco-íris, símbolo da aliança entre Deus, os Homens e todas as criaturas vivas sobre a Terra (Gn 9, 13-17).

